

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2026-05-22

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Marques, E. G. & André, P. (2025). A Cidade viva: Corredores verdes de Lisboa e a visão de Gonçalo Ribeiro Telles. In Paula André (Ed.), *Antologia de ensaios: LABORATORIO COLABORATIVO: Dinâmicas urbanas, património, artes: XI Seminário de Investigação, Ensino e Difusão*. (pp. 40-58). São Paulo: Dinâmia'cet-iscte.

Further information on publisher's website:

<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/35012>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Marques, E. G. & André, P. (2025). A Cidade viva: Corredores verdes de Lisboa e a visão de Gonçalo Ribeiro Telles. In Paula André (Ed.), *Antologia de ensaios: LABORATORIO COLABORATIVO: Dinâmicas urbanas, património, artes: XI Seminário de Investigação, Ensino e Difusão*. (pp. 40-58). São Paulo: Dinâmia'cet-iscte.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

A Cidade Viva: Corredores Verdes de Lisboa e a Visão de Gonçalo Ribeiro Telles

Elodie Marques

DINÂMIA'CET-Iscte

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Elodie_Marques@iscte-iul.pt

Paula André

DINÂMIA'CET-Iscte

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

paula.andre@iscte-iul.pt

Resumo: A conceção dos Corredores Verdes em Lisboa representa a convergência de uma tradição de pensamento ecológico e urbanístico que se desenvolve desde o século XIX e encontra expressão plena na obra de Gonçalo Ribeiro Telles. Com uma visão integrada da paisagem, Telles promoveu a ideia de uma estrutura ecológica do território, onde os espaços verdes urbanos desempenham funções ecológicas, sociais e simbólicas essenciais. A sua atuação em múltiplas esferas — política, académica e técnica — foi decisiva para a implementação de infraestruturas verdes multifuncionais no contexto português. Este ensaio analisa a evolução conceptual e prática dos Corredores Verdes em Lisboa, com destaque para o Corredor Verde de Monsanto e para a rede de nove corredores hoje existente, que reforçam a conectividade ecológica, a mobilidade sustentável e a qualidade de vida urbana. Através destes projetos, Lisboa tornou-se referência em urbanismo ecológico, materializando uma visão de cidade viva, onde natureza, cultura e sociedade se articulam de forma duradoura e resiliente.

Palavras-chave: Estrutura ecológica, Corredores Verdes, Lisboa, Gonçalo Ribeiro Telles, *Continuum Naturale*

Introdução

Nas últimas décadas, a crescente urbanização e a fragmentação dos ecossistemas urbanos têm motivado um debate cada vez mais urgente sobre a integração da natureza nas cidades. Entre as respostas mais significativas a este desafio surgem os Corredores Verdes (*greenways*): infraestruturas lineares de vegetação concebidas para reforçar a conectividade ecológica, promover a mobilidade sustentável e melhorar a qualidade de vida urbana. Embora os seus antecedentes possam ser encontrados em experiências urbanísticas do século XIX — como os *boulevards* arborizados, as cidades-jardim de Ebenezer Howard ou os *parkways* de Frederick Law Olmsted —, a consolidação dos Corredores Verdes como elementos estruturantes e multifuncionais do território urbano é relativamente recente, resultado de uma evolução conceptual, técnica e política que se intensificou a partir da segunda metade do século XX.

A implementação efetiva destes sistemas, no entanto, enfrentou diversos obstáculos. A fragmentação administrativa e sectorial dificultou a necessária articulação entre diferentes escalas de planeamento. A pressão sobre o solo urbano, valorizado sobretudo por interesses imobiliários, limitou a preservação de áreas estratégicas para a continuidade ecológica. A ausência de uma base científica robusta e de instrumentos legais adequados, antes do surgimento da ecologia da paisagem nos anos 1970, contribuiu para o atraso na aplicação prática destes conceitos. Em Portugal, a consagração legal do conceito de estrutura ecológica nacional só viria a ganhar consistência a partir dos anos 1990. Paralelamente, a prioridade dada ao desenvolvimento infraestrutural e à expansão urbana relegou, durante décadas, a infraestrutura verde para um papel secundário, muitas vezes encarado como acessório ou meramente decorativo.

Foi apenas com a intensificação da crise climática, a perda acelerada da biodiversidade e a crescente pressão sobre os espaços públicos urbanos — manifestadas em fenómenos como as ilhas de calor, as cheias urbanas, a escassez de zonas verdes seguras e acessíveis, ou a degradação de habitats — que os Corredores Verdes passaram a ser reconhecidos como infraestruturas essenciais. Conceitos como infraestrutura verde, serviços ecossistémicos e soluções baseadas na natureza passaram a enquadrar estas estruturas dentro de uma lógica de resiliência territorial, colocando a natureza no centro da estratégia urbana.

Em Portugal, o arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles (1922-2020) começou a desempenhar um papel fundamental na divulgação e sensibilização da sociedade civil e dos decisores políticos para a importância da integração dos sistemas naturais no planeamento urbano. Inspirado pelo pensamento ecológico de Francisco Caldeira Cabral, Telles propôs uma abordagem sistémica do ordenamento do território, centrada na paisagem e nas dinâmicas ecológicas. Através da estrutura ecológica do território e do Plano Verde de Lisboa, lançou as bases para a construção de uma rede de Corredores Verdes que, nas últimas décadas, transformou profundamente o urbanismo da capital portuguesa. Através de artigos publicados na imprensa generalista e especializada, procurou formar opinião pública e fomentar uma nova consciência ecológica, antecipando muitos dos debates que hoje moldam o ordenamento do território.

O conceito de continuidade ecológica foi introduzido por Francisco Caldeira Cabral, através da noção de *continuum naturale*, desenvolvida no âmbito do primeiro curso de Arquitetura Paisagista (Instituto Superior de Agronomia, 1942). Esta visão propunha uma abordagem sistémica e funcional da paisagem, onde a manutenção dos processos naturais

seria essencial à sustentabilidade territorial. O conceito foi progressivamente institucionalizado, com destaque para a Lei de Bases do Ambiente (1987), que reconheceu a continuidade dos sistemas naturais como pilar do ordenamento, culminando com a Lei de Bases do Ordenamento do Território (1999), onde a estrutura ecológica é formalmente assumida como componente estruturante do território nacional.

Este ensaio propõe uma análise histórica e conceptual da evolução dos Corredores Verdes, com ênfase na sua teorização internacional, nas barreiras que dificultaram a sua implementação e na sua adaptação ao contexto português. Destaca-se, em particular, o papel pioneiro de Gonçalo Ribeiro Telles na génese desta visão, bem como os projetos concretos que permitiram a Lisboa tornar-se referência na integração entre ecologia, paisagem e cidade.



Figura 1, Planta de ordenamento – Planta de Riscos Naturais e Antrópicos I com foco na Suscetibilidade ao Efeito de Maré Direto e à Vulnerabilidade às Inundações. In: <https://websig.cm-lisboa.pt/>

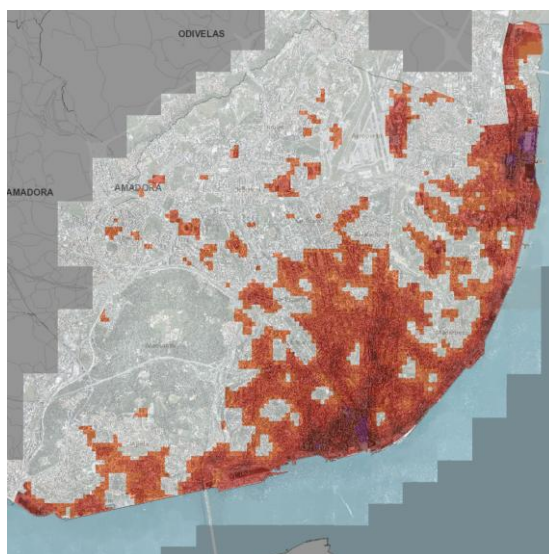


Figura 2, Carta da Intensidade da Ilha de Calor Urbana em OC ao Entardecer (Cenário Atual). In: <https://websig.cm-lisboa.pt/>

Do pensamento ecológico aos Corredores Verdes

O pensamento ecológico aplicado ao território tem raízes profundas no século XIX, destacando-se o naturalista Alexander von Humboldt (1769–1859), que, na obra *Kosmos*¹, introduziu uma visão holística da natureza como um organismo vivo e interligado, animado por forças dinâmicas. Este entendimento influenciou o surgimento da ecologia como disciplina científica, formalizada por Ernst Haeckel (1834–1919) em 1866², ao definir a ecologia como o estudo das relações entre os seres vivos e o meio envolvente. Complementarmente, o fisiologista Walter Cannon (1871–1945) introduziu o conceito de homeostase³, descrevendo a capacidade dos organismos (e, por analogia, dos sistemas territoriais) de manter estabilidade face a perturbações externas — noções que mais tarde seriam aplicadas ao planeamento urbano e à estruturação ecológica do espaço.

Com o crescimento urbano acelerado após a Revolução Industrial, tornou-se evidente a necessidade de integrar os sistemas naturais nas cidades. Ainda no século XIX, surgem propostas estruturadas com base em princípios paisagísticos e ecológicos, como os *boulevards* arborizados de Haussmann (1809-1891) em Paris, que conciliavam mobilidade e vegetação. Nos Estados Unidos, os arquitetos paisagistas Frederick Law Olmsted (1822–1903) e Calvert Vaux (1824–1875) projetaram o *Central Park* (Nova Iorque), e mais tarde, Olmsted desenvolveu o conceito de *parkway*, redes de vias ajardinadas que ligavam parques urbanos, culminando no projeto do *Emerald Necklace* (Boston). Esta rede de espaços verdes interligados é considerada um exemplo paradigmático do que mais tarde se designaria como Corredor Verde.

Na mesma época, em Inglaterra, Ebenezer Howard (1850-1928) propôs o modelo das cidades-jardim, introduzindo o conceito de *greenbelt*⁴ — um cinturão verde a envolver o perímetro urbano, com a função de conter a expansão descontrolada da cidade e promover uma relação equilibrada entre meio urbano e rural.



Figura 3, Planta do *Emerald Necklace*, in <https://www.emeraldnecklace.org/park-overview/emerald-necklace-map/>

¹ HUMBOLDT, Alexander von - *Kosmos: Entwurf einer physischen Weltbeschreibung*. Stuttgart und Tübingen: J. G. Cotta'scher Verlag, 1845.

² HAECKEL, Ernst - *Generelle Morphologie der Organismen*. Berlin: G. Reimer, 1866.

³ CANNON, Walter - Organization for Physiological Homeostasis. *Physiological Reviews*, vol.9, nº3 (1929), pp.399-431.

⁴ HOWARD, Ebenezer - *Garden Cities of To-Morrow*. Swan Sonnenschein & Co, 1898.

Contudo, durante grande parte dos séculos XIX e XX, o urbanismo focou-se predominantemente na eficiência funcional, no crescimento económico e na expansão urbana, relegando os princípios ecológicos para um plano secundário. Conceitos como o *greenbelt* ou o *parkway*, embora visionários, enfrentaram grandes obstáculos à sua aplicação, como a pressão imobiliária, os constrangimentos financeiros e a fragmentação institucional. A transição de uma abordagem estética e higienista para uma visão ecológica e funcional exigiu uma mudança de paradigma que só começou a consolidar-se na segunda metade do século XX, com o surgimento das preocupações ambientais globais e a afirmação de uma nova ética do território, baseada na sustentabilidade, na conectividade ecológica e na resiliência urbana.

Na década de 1960, surgiram os primeiros conceitos mais diretamente ligados à ecologia, com destaque para Philip Lewis Jr. (1925-2017), que introduziu o termo *environmental corridors*⁵ em projetos de conservação no estado de Wisconsin. Esses corredores visavam proteger áreas sensíveis, integrando o planeamento urbano e a ecologia da paisagem. Neste mesmo contexto, Ian McHarg, na obra seminal *Design with Nature*⁶, propôs uma metodologia de planeamento baseada nos processos naturais do território. A sua abordagem fundamentou a ideia de um *continuum* natural ou infraestrutura ecológica conectada, antecipando os atuais conceitos de infraestrutura verde. Durante esse período, foram implantados os primeiros parques lineares, com destaque para áreas ribeirinhas urbanas. Esses espaços conciliavam o controlo de cheias, recreio e a preservação da biodiversidade.

A partir do final dos anos 1970, o termo *greenway* ganhou destaque nos Estados Unidos, aparecendo inicialmente em *The Last Landscape* de William H. Whyte (1917-1999)⁷. Contudo, foi com Charles E. Little, autor de *Greenways for America* (1990)⁸, que o conceito foi sistematizado e popularizado. Little propôs uma tipologia funcional de *greenways*, abrangendo usos ecológicos, cénicos, recreativos e históricos.

Em 1987, o relatório da *President's Commission on American Outdoors* recomendou a criação de uma “rede viva de *greenways*”, reconhecendo essas estruturas como elementos centrais de uma paisagem urbana sustentável.

A década de 1990 marcou a transição dos *greenways* para estruturas multifuncionais de integração territorial.⁹ Jack Ahern (1995)¹⁰, nos seus estudos sobre infraestrutura verde, definiu os *greenways* como redes planeadas para múltiplos usos — ecológicos, recreativos, estéticos, culturais e de mobilidade. Esse conceito foi complementado por Fábio e Ahern (1996)¹¹, que reforçaram a necessidade de planear essas redes com base em funções interligadas.

⁵ LEWIS JR., Philip - **Wisconsin Heritage Landscape Project**. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1964.

⁶ MCHARG, Ian - **Design with Nature**. EUA: Natural History Press, 1969.

⁷ WHYTE, William - **The Last Landscape**. EUA: Doubleday, 1968.

⁸ LITTLE, Charles - **Greenways for America**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990.

⁹ HELLMUND, Paul & SMITH, Daniel – **Ecology of Greenways**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1993.

¹⁰ AHERN, Jack - Greenways as a Planning Strategy. **Landscape and Urban Planning**, vol.33, nº1-3 (1995), pp.131-155.

¹¹ FABOS, Julius & AHERN, Jack - **Greenways: The Beginning of an International Movement**. Elsevier, 1996.

Simultaneamente, o termo *green infrastructure* foi introduzido oficialmente por Buddy MacKay no estado da Flórida (1994–1995) e consolidado por Benedict & McMahon¹², ampliando a abordagem para incluir serviços ecossistêmicos, mitigação de riscos ambientais e resiliência climática.

Na Europa, termos como *voie verte* (França e Bélgica) surgiram nos anos 1990–2000, focando na mobilidade não motorizada e na valorização de corredores ambientais. Redes como o RAVeL (Rede Autónoma de Vias Lentas da Bélgica) exemplificam essa vertente. Outras expressões utilizadas incluem, *green veins* e *green wedges* – enfatizam a penetração de vegetação nas malhas urbanas; *ecological networks* – redes de habitats conectados, geralmente implementadas em políticas europeias; *landscape linkages* – conexões ecológicas e visuais na paisagem; *blueways* – corredores aquáticos navegáveis com valor paisagístico e ecológico.

A partir de 2015, os conceitos de infraestrutura verde e corredor verde passaram a ser incorporados sob o guarda-chuva das Soluções Baseadas na Natureza (*Nature-Based Solutions – NBS*)¹³, promovidas pela União Europeia, ONU-Habitat e outras entidades internacionais. Essas soluções visam integrar as funções ecológicas, sociais e adaptativas da paisagem urbana como resposta à crise climática e à desigualdade urbana.

Posto este breve contexto evolutivo, dado que podem ser aplicados de várias formas, respondendo a múltiplos objetivos, podemos dizer que não existe uma definição única e consensual; contudo, é possível identificar um traço comum a todos os Corredores Verdes: a sua linearidade e continuidade, frequentemente integrando estruturas pré-existentes na paisagem com características ecológicas, culturais ou estéticas particulares.¹⁴ Nesse seguimento, destaca-se a investigação realizada por Paul Hellmund e Daniel Smith¹⁵. Com base na abordagem destes autores, apresenta-se de seguida uma tabela síntese da evolução histórica dos conceitos relacionados com Corredores Verdes:

Conceito / Termo	Autor(es) Associado(s)	Ano / Período	Obra / Projeto de Referência	Contribuição Principal
Boulevards arborizados	Georges-Eugène Haussmann	1853–1870	Reformas urbanas de Paris	Integração de vegetação em vias urbanas; precursor funcional
Parkway	Frederick Law Olmsted, Calvert Vaux	1857–1887	Central Park (NY), Emerald Necklace (Boston)	Interligação de parques; conceito linear
Greenbelt	Ebenezer Howard	1898	<i>Garden Cities of Tomorrow</i>	Cinturão verde como limite urbano

¹² BENEDICT, Mark & McMAHON, Edward - **Green Infrastructure: Linking Landscapes and Communities**. Virginia: Island Press, 2006.

¹³ EUROPEAN COMMISSION - **Towards an EU Research and Innovation policy agenda for Nature-Based Solutions & Re-Naturing Cities. Final Report of the Horizon 2020 Expert Group on 'Nature-Based Solutions and Re-Naturing Cities'**. Brussels: European Commission, 2020.

¹⁴ HELLMUND, Paul & SMITH, Daniel – **Designing greenways**. Washington: Island Press, 2006.

¹⁵ Esta tabela foi traduzida por Maria Alice Cachada. Ver CACHADA, Maria – **Corredores Verdes como Estratégia de Integração e Salvaguarda do Património Histórico e cultural**. Dissertação de Mestrado, 2019, pp.7-8.

Conceito / Termo	Autor(es) Associado(s)	Ano / Período	Obra / Projeto de Referência	Contribuição Principal
Environmental Corridors	Philip H. Lewis Jr.	Anos 1960	<i>Wisconsin Heritage Plan</i>	e integração cidade-campo Corredores naturais funcionais como base do ordenamento
Greenway	William H. Whyte, Charles E. Little	1970–1990	<i>The Last Landscape</i> (1970s); <i>Greenways for America</i> (1990)	Consolidação do termo “greenway” como rede multifuncional
Infraestrutura Verde	Buddy MacKay (Flórida, EUA); Benedict & McMahon	1994–2006	<i>Green Infrastructure: Linking Landscapes and Communities</i>	Expansão do conceito para incluir funções ambientais integradas
Multifunctional Greenways	Jack Ahern, Fábos & Ahern	1995	<i>Greenways: A Guide to Planning, Design and Development</i> (Smith & Hellmund, 1993); trabalhos de Ahern	
Ecological Networks / Landscape Linkages	Europa (infraestrutura ecológica)	Anos 1990–2020s	Diretrizes da União Europeia, redes Natura 2000, estudos da Ecologia da Paisagem	
Nature-Based Solutions (NBS)	União Europeia / ONU-Habitat	2015 em diante	Estratégias de Resiliência Urbana; Green Deal Europeu	

Tabela 1 - Evolução histórica dos conceitos relacionados com Corredores Verdes

O pensamento de Gonçalo Ribeiro Telles

O arquiteto paisagista, político, professor e escritor, Gonçalo Ribeiro Telles desenvolveu um pensamento sistémico e holístico sobre a paisagem, contribuindo de forma decisiva para a consolidação do conceito de Corredor Verde, que evoluiu para um conceito ecológico – uma componente da Estrutura ecológica – ancorando-se inicialmente nos fundamentos da ecologia clássica e expandindo-se até à integração nos instrumentos de ordenamento do território e políticas ambientais.

Desde os anos de 1950, Telles articulou a sua prática profissional com a intensa atividade política, académica e a escrita recorrente na imprensa, abordando de forma transversal a relação entre paisagem, ecologia e qualidade de vida.

O seu trabalho, que passou por instituições como a Câmara Municipal de Lisboa, o Fundo de Fomento da Habitação, Ministérios e universidades como o Instituto Universitário de Évora e o Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa, refletiu sempre uma preocupação central com o ordenamento da paisagem.

Relativamente à paisagem urbana, ao longo de três décadas, Ribeiro Telles foi publicando ensaios e artigos em revistas e jornais, nos quais explorou a evolução teórica, onde se destaca o conceito de corredor verde, tomando como estudo de caso a cidade de Lisboa. Este percurso conceptual inicia-se na década de 1960 com a defesa da necessidade dos espaços verdes na estrutura urbana, quando afirmava, em 1962, que os espaços verdes deveriam ser elementos estruturantes e não meramente decorativos.¹⁶ Em 1966, introduz o conceito de penetrações verdes, como faixas que atravessam a cidade e a ligam ao campo, funcionando como canais ecológicos e socio territoriais.¹⁷

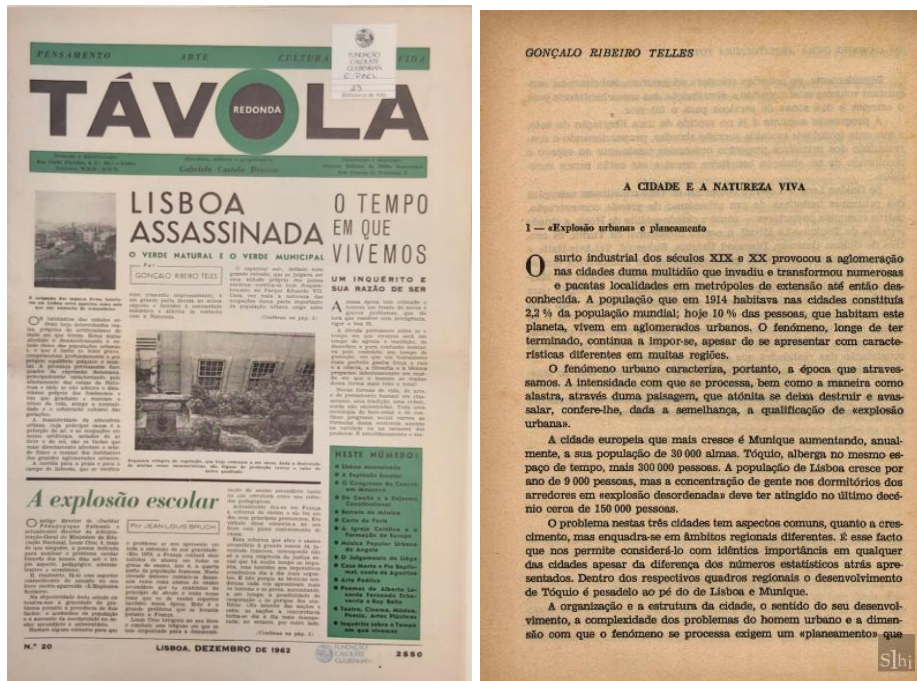


Figura 4, Destaque para o artigo TELLES, Gonçalo Ribeiro – Lisboa assassinada. O verde natural e o verde municipal. **Távola Redonda** n.º20 (1962) p.3. & artigo TELLES, Gonçalo Ribeiro – A cidade e a natureza viva. **O Tempo e O Modo**, n.º34/35 (1966) p.43.

Em 1971, a ideia de continuidade ecológica amplia essa proposta, com a noção de que os espaços verdes devem formar uma rede contínua capaz de garantir a circulação de fluxos naturais (água, ar, espécies), promovendo uma verdadeira integração entre cidade e natureza.¹⁸ Esta linha de pensamento culmina entre 1975¹⁹ e 1979 com o desenvolvimento da estrutura verde contínua, uma proposta que trata os espaços verdes como uma rede ecológica coesa, articulada com a matriz biofísica do território, essencial para a resiliência ecológica das cidades.²⁰

¹⁶ TELLES, Gonçalo Ribeiro – Lisboa assassinada. O verde natural e o verde municipal. **Távola Redonda**, n.º20 (1962) pp.1-3. & TELLES, Gonçalo Ribeiro – Lisboa assassinada. Em luta por uma cidade mais bela e humana. **Távola Redonda**, n.º23 (1963) p.3 e p.13.

¹⁷ TELLES, Gonçalo Ribeiro – A cidade e a natureza viva. **O Tempo e O Modo**, n.º34/35 (1966) pp.32-46.

¹⁸ TELLES, Gonçalo Ribeiro – Expansão Urbana. **Arquitectura**, n.º121-122 (1971) pp.97-98.

¹⁹ TELLES, Gonçalo Ribeiro – Da formação do solo à socialização da paisagem. In FERNANDES, J. Almeida et all - **Uns Comem Os Figs**. Coleção ecologia e sociedade. Lisboa: Seara Nova, 1975.

²⁰ TELLES, Gonçalo Ribeiro – Lisboa Assassinada. A estrutura verde. **A Capital**, (1979) p.1 e p.3.

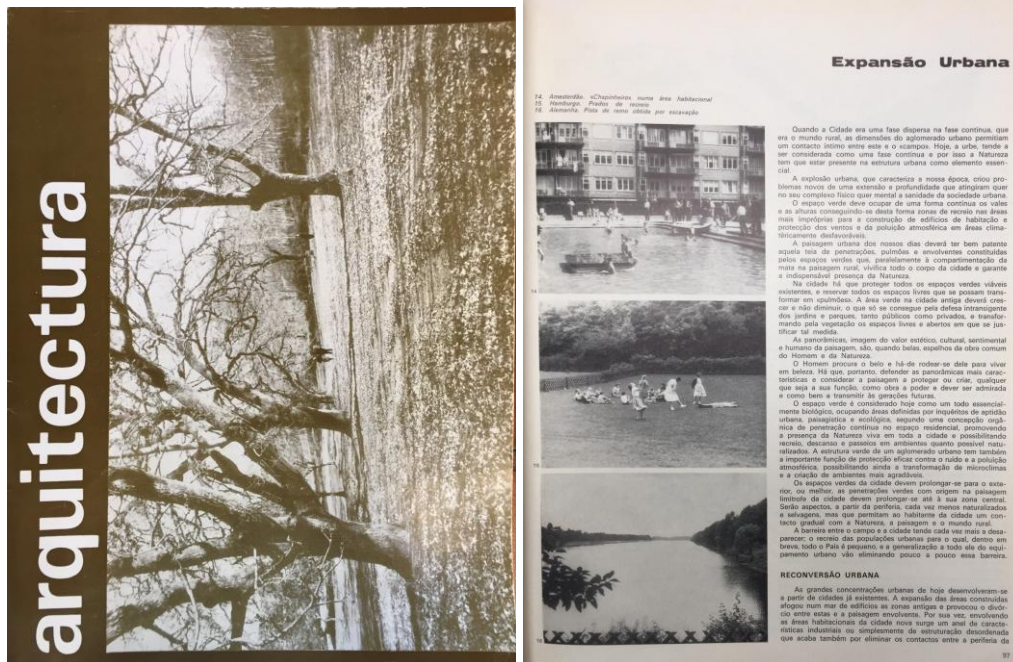


Figura 5, Trecho do artigo TELLES, Gonçalo Ribeiro – Expansão Urbana. *Arquitectura* nº121-122 (1971), p.98.

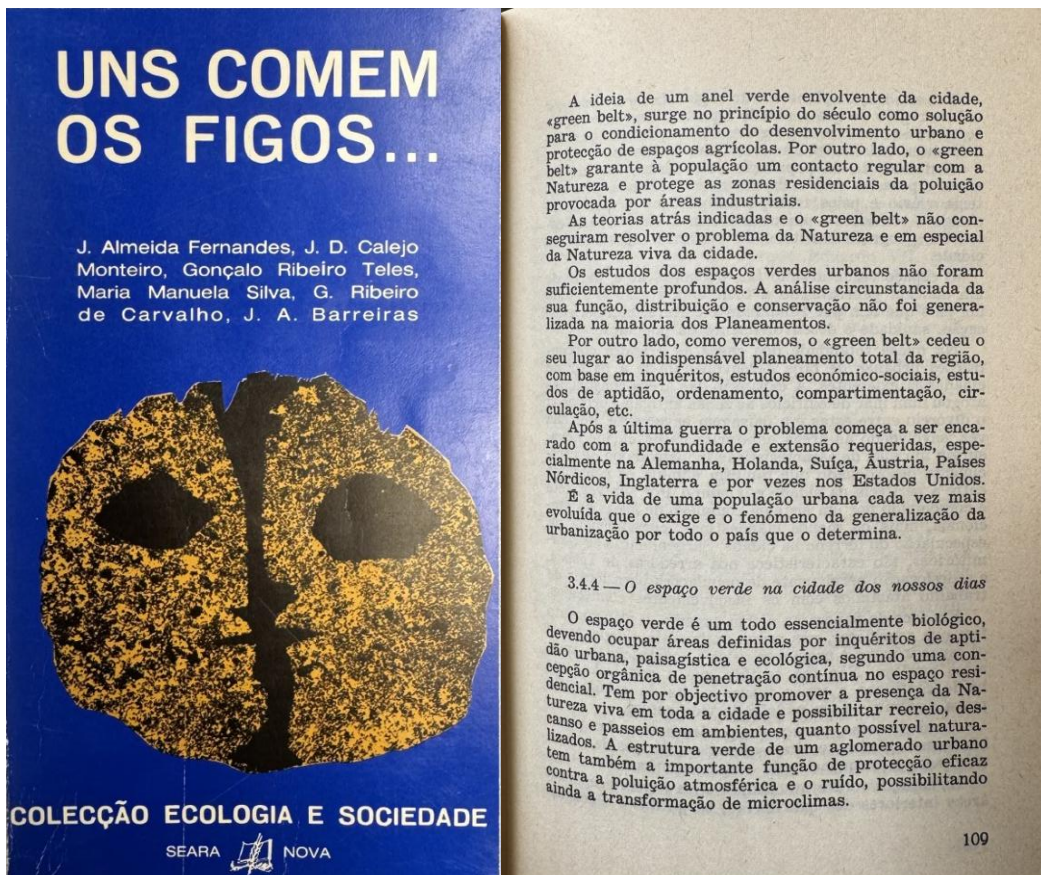


Figura 6, Trecho do artigo TELLES, Gonçalo Ribeiro – Da formação do solo à socialização da paisagem. In FERNANDES, J. Almeida et all - *Uns Comem Os Figos*. Coleção ecologia e sociedade. Lisboa: Seara Nova, 1975, p.113.



Figura 7, Destaque para o artigo TELLES, Gonçalo Ribeiro – Lisboa Assassinada. A estrutura verde. **A Capital** (1979) p.3; artigo TELLES, Gonçalo Ribeiro – O prolongamento “verde” da avenida da Liberdade. **A Capital**, (1981) p.5. & artigo TELLES, Gonçalo Ribeiro – O empório do betão. **A Capital** (1984) p.5.

Após a crítica veemente ao prolongamento da Avenida da Liberdade²¹ (1981), a formalização do conceito surge finalmente em 1984, com a adoção dos termos estrutura verde e corredor verde²², consagrado num projeto paradigmático para a cidade de Lisboa: o Corredor Verde de Monsanto. Este projeto propôs a ligação do Parque Florestal de Monsanto ao centro da cidade, através de um eixo contínuo de vegetação que inclui o Vale de Alcântara, a Quinta das Conchas, os jardins da Fundação Gulbenkian e o prolongamento até à Avenida da Liberdade.

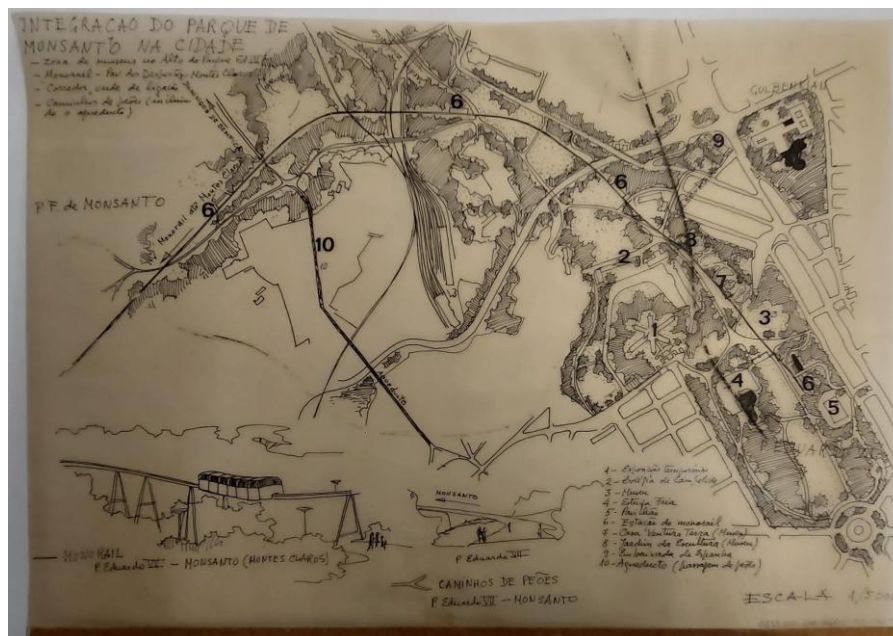


Figura 8, Esquízo de Gonçalo Ribeiro Telles para a Integração do Parque de Monsanto na cidade de Lisboa. Arquivo Pessoal de Gonçalo Ribeiro Telles, Forte de Sacavém.

²¹ TELLES, Gonçalo Ribeiro – O prolongamento “verde” da avenida da Liberdade. **A Capital**, (1981) p.5.

²² TELLES, Gonçalo Ribeiro – O empório do betão. **A Capital**, (1984) p.5.

Do Plano Verde de Lisboa à Estrutura Ecológica no Plano Diretor Municipal

A influência de Gonçalo Ribeiro Telles no planeamento de Lisboa é visível não apenas no Corredor Verde de Monsanto, mas também na disseminação da sua metodologia de análise do território, que articula a matriz biofísica com os usos urbanos. A sua abordagem sistémica inspirou os planos diretores e estratégias de desenvolvimento urbano sustentável, integrando a ecologia, a mobilidade, a recreação e a cultura. Mais do que um conceito técnico, o corredor verde assume-se como um instrumento político e ético, comprometido com a construção de cidades mais justas, resilientes e integradas na paisagem natural.

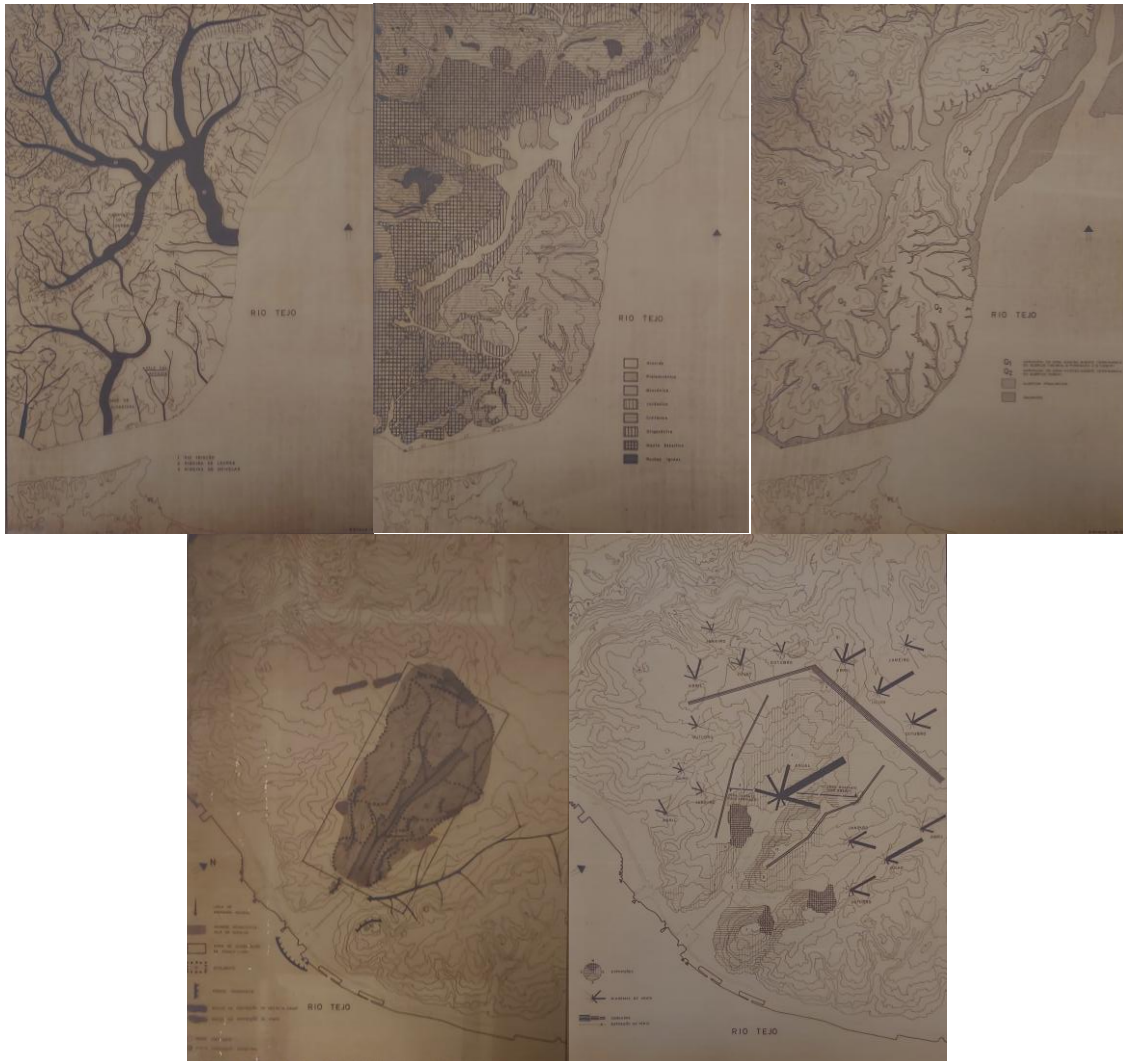


Figura 9 - Estudos realizados por Gonçalo Ribeiro Telles na Câmara Municipal de Lisboa. Arquivo Pessoal de Gonçalo Ribeiro Telles, Forte de Sacavém.

A primeira tentativa na aplicação da estrutura ecológica surge no âmbito do Plano Verde de Lisboa²³, coordenado pelo Professor Gonçalo Ribeiro Telles, a convite do arquiteto Luís Jorge Bruno Soares, coordenador do PDM, aprovado em 1994, durante a presidência de Jorge Sampaio na Câmara Municipal de Lisboa.

O conceito de estrutura ecológica, adotado em Portugal, fundamenta a delimitação das infraestruturas verdes e representa uma evolução no planeamento urbano ecológico. Trata-se de uma construção progressiva e integrada de parques urbanos e Corredores Verdes que, ao desenvolverem-se enquanto infraestruturas territoriais, se transformam em espaços verdes contínuos e estruturantes, definidos com base em critérios de aptidão ecológica.²⁴

Embora este PDM tenha sido concluído antes da publicação do Plano Verde (1997), a integração destes elementos no planeamento e gestão urbanística tornou-se uma referência na cultura de ordenamento territorial da cidade, culminando na consagração normativa da estrutura ecológica no PDM de 2012.²⁵ A trajetória que culminou com a consagração da Estrutura Ecológica Municipal de Lisboa no Plano Diretor Municipal de 2012 teve como ponto de partida um projeto conceptual iniciado décadas antes, e como força motriz uma equipa técnica multidisciplinar liderada por Gonçalo Ribeiro Telles em vários momentos.

Entre 1996 e 2003, a convite da Câmara Municipal de Lisboa, sob a presidência de João Soares, Ribeiro Telles foi chamado para desenvolver dois projetos pioneiros: o Jardim do Alto do Parque (mais tarde Jardim Amália Rodrigues) e o Corredor Verde de Monsanto, que viria a tornar-se o primeiro corredor plenamente realizado em Lisboa. Esta fase inicial foi marcada por intensa colaboração entre técnicos da Câmara Municipal de Lisboa, académicos e jovens profissionais, entre os quais se destacam Fátima Leitão, Sofia Pimenta, e estagiários do Instituto Superior de Agronomia.

O gabinete sediado na rua do Comércio tornou-se o núcleo de uma profunda transformação no pensamento urbanístico municipal. Sob a liderança de Ribeiro Telles e com coordenação académica da Prof. Aurora Carapinha (Universidade de Évora) e da Prof. Manuela Raposo Magalhães (Instituto Superior de Agronomia), o gabinete desenvolveu os fundamentos técnicos e metodológicos daquilo que viria a ser, anos depois, a rede estruturante dos Corredores Verdes. Os estudos realizados abrangeram desde o ordenamento dos vales de Alcântara e Chelas, até à estrutura ecológica da Área Metropolitana de Lisboa, propondo ainda Unidades Operativas de Planeamento e Gestão Ecológica, antecessoras diretas dos Corredores Verdes atuais.

Entre 1998 e 2003, foram produzidos levantamentos sobre circulação hídrica e atmosférica, produção alimentar urbana, infraestruturas de mobilidade suave, além de propostas para a valorização dos logradouros urbanos e requalificação das zonas ribeirinhas. Este trabalho culminaria, anos mais tarde, na formalização da Estrutura Ecológica no Plano Diretor Municipal de 2012, um marco normativo que consolidou décadas de investigação e prática inovadora.

²³ TELLES, Gonçalo Ribeiro (coord.) - **Plano Verde de Lisboa**. Lisboa: Colibri, 1997.

²⁴ MAGALHÃES, Manuela Raposo et al. - **Estrutura ecológica da paisagem: conceitos e delimitação: escalas regional e municipal**. Lisboa: ISA Press, 2007.

²⁵ LOURENÇO, Ana - **A paisagem da cidade. convergência entre ecologia e morfologia urbana. O caso de Lisboa**. Tese de doutoramento, 2019.

A revisão do Plano Diretor Municipal, sob coordenação técnica de Paulo Pais, integrou formalmente a Estrutura Ecológica Municipal na planta de ordenamento da cidade, estabelecendo diretrizes claras para a preservação da natureza urbana: manutenção de logradouros, valorização do sistema hídrico, proteção das transições fluvial-estuarinas, consideração de vulnerabilidades naturais e integração do património paisagístico. Esta inclusão representa a transposição dos princípios ecológicos desenvolvidos por Telles para o corpo jurídico e técnico do ordenamento urbano, com implicações estruturais na morfologia e funcionalidade da cidade.

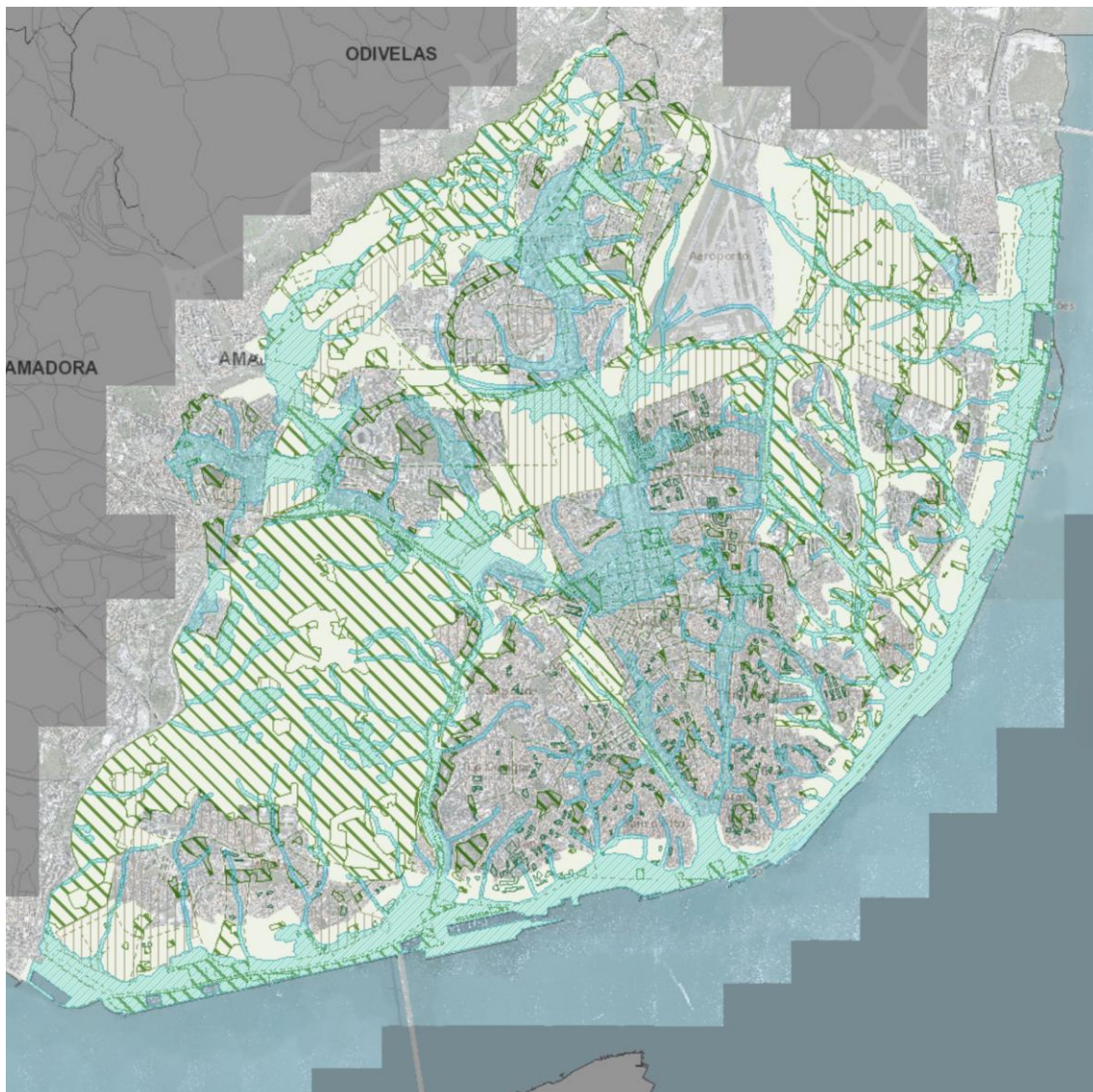


Figura 10 – Planta de Ordenamento – Estrutura Ecológica Municipal. In: <https://websig.cm-lisboa.pt/>

Os Corredores Verdes de Lisboa

Gonçalo Ribeiro Telles concebeu os Corredores Verdes como instrumentos de transformação estrutural, ambiental, social e cultural. Para o arquiteto paisagista, o espaço público deveria ser simultaneamente belo, acessível, saudável e gerador de sentido de pertença. Os Corredores Verdes representam, assim, uma expressão física e simbólica de uma cidade mais humana, onde a natureza deixa de ocupar uma posição periférica para se tornar elemento central da estrutura urbana. A importância da sua visão ultrapassa a dimensão técnica e projetual, constituindo um verdadeiro legado cultural e ético.

O seu pensamento exerceu uma influência profunda e duradoura em várias gerações de arquitetos paisagistas, urbanistas e decisores políticos, moldando o discurso e a prática do urbanismo contemporâneo em Portugal.

Lisboa tem vindo a materializar, de forma progressiva essa visão estratégica. A partir de 2008, com apoio político do vereador José Sá Fernandes, a Camara Municipal de Lisboa intensificou a execução dos projetos associados aos Corredores Verdes. A coordenação técnica de Helena Barros Gomes, com apoio de João Castro e Duarte Mata, permitiu dar continuidade ao trabalho do gabinete que foi extinto em 2003.

Entre 2009 e 2020, Lisboa viu a implementação progressiva de nove Corredores Verdes, cobrindo mais de 19 km²:

1. Corredor verde de Monsanto
2. Corredor verde alta do Lumiar
3. Corredor verde central
4. Corredor verde ocidental Rio seco
5. Corredor verde oriental
6. Corredor verde periférico
7. Corredor verde ribeirinho
8. Corredor verde vale de Alcântara
9. Corredor verde dos Olivais

A inauguração do Corredor Verde de Monsanto em 2012, mais de trinta anos após a sua idealização por Ribeiro Telles, simbolizou a concretização de uma visão ecológica profunda e persistente: a cidade como organismo vivo. O Corredor Verde de Monsanto liga o Parque Florestal de Monsanto ao Parque Eduardo VII, num percurso de 2,5km com 51 hectares, integrando trilhos, hortas urbanas, ciclovias, zonas de biodiversidade, parques infantis e miradouros. Mais do que um projeto paisagístico, representa a aplicação prática de conceitos como a continuidade, elasticidade e multifuncionalidade, fundamentais na teoria de Ribeiro Telles.

Os nove Corredores Verdes desempenham um papel central na estrutura ecológica municipal, promovendo a conectividade entre espaços naturais, a mobilidade sustentável, o bem-estar urbano e a valorização do património natural e cultural da cidade.



Figura 11, Planta dos Limites dos Corredores Verdes de Lisboa. In: <https://websig.cm-lisboa.pt/>

A herança de Gonçalo Ribeiro Telles em Lisboa

A distinção de Lisboa como Capital Verde Europeia em 2020, ano da morte de Gonçalo Ribeiro Telles, representa o reconhecimento internacional dos esforços recentes da cidade em sustentabilidade, mas também a consagração de uma visão ecológica e territorial construída ao longo de décadas. Ribeiro Telles, figura central do urbanismo e da arquitetura paisagista em Portugal, sensibilizou cidadãos e decisores políticos para a importância da estrutura ecológica do território, tendo influenciado projetos dessa estruturação em Lisboa.

A requalificação da Praça de Espanha é outro exemplo paradigmático do legado de Telles. Onde antes predominavam vias e tráfego intenso, surgiu agora um parque urbano multifuncional, projetado pelos ateliers NPK e RUA, que integra a gestão sustentável das águas, a mobilidade suave, a biodiversidade urbana e espaços públicos inclusivos. Inaugurado em 2021, e intitulado Parque Gonçalo Ribeiro Telles, articula-se com o grande Corredor Verde de Monsanto, conectando zonas como Campolide, Sete Rios e Amoreiras. A Menção Honrosa do Prémio Valmor e Municipal de Arquitetura atribuída em 2023 reforça o seu valor como exemplo de reconciliação entre o urbanismo e a

ecologia da paisagem. Contudo, apesar da qualidade paisagística e ambiental do projeto, a sua plena ativação depende da ocupação quotidiana pela comunidade. A ausência de concursos para os equipamentos previstos, bem como a falta de atividades regulares, compromete a manutenção, segurança e vivência do espaço.

Hoje, ao percorrer os troços arborizados que se interligam na cidade, podemos dizer que Lisboa caminha, literalmente e simbolicamente, pelas ideias visionárias de Gonçalo Ribeiro Telles.



Figura 12, Parque Urbano Gonçalo Ribeiro Telles, Lisboa. Fotografia: Francisco Nogueira, sem data.

Considerações finais

A implantação dos Corredores Verdes em Lisboa constitui uma das mais significativas materializações do pensamento ecológico no urbanismo português. Muito além da sua dimensão estética ou recreativa, estes corredores expressam uma visão estruturante da cidade, em que a paisagem assume um papel ativo na organização do território e na promoção do bem-estar. Gonçalo Ribeiro Telles foi o grande impulsionador desta visão, articulando ação política, prática técnica e reflexão ética para integrar os sistemas ecológicos no planeamento urbano.

A sua influência ultrapassa os projetos emblemáticos que idealizou, refletindo-se na forma como passou a ser pensado o ordenamento do território em Portugal. A consagração da Estrutura Ecológica no Plano Diretor Municipal de Lisboa e a progressiva implementação de nove Corredores Verdes marcam uma mudança de paradigma: do urbanismo fragmentado para uma abordagem sistémica e integrada.

Atualmente, os Corredores Verdes desempenham um papel crucial na resposta às crises ambientais contemporâneas, como as alterações climáticas, a perda de biodiversidade e a degradação dos espaços públicos. Ao promoverem a regulação térmica, a infiltração das águas pluviais, a mobilidade suave e a coesão social, estas infraestruturas alinham-se com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e as *Nature-Based Solutions* promovidas internacionalmente.

A trajetória iniciada por Ribeiro Telles demonstra que o planeamento urbano pode ser, simultaneamente, uma prática técnica, um projeto político e um compromisso ético com as gerações futuras. Lisboa, ao concretizar essa visão, afirma-se como referência em inovação ecológica urbana, e os seus Corredores Verdes tornam-se testemunhos vivos de uma cidade que procura harmonizar natureza, cultura e sociedade. Mais do que estruturas físicas, são expressões de um urbanismo comprometido com a sustentabilidade, a justiça ambiental e o bem comum — a paisagem concreta de uma cidade viva, imaginada por um dos seus mais visionários arquitetos paisagistas.

Bibliografia

AHERN, Jack - Greenways as a Planning Strategy. **Landscape and Urban Planning**, vol.33, nº1-3 (1995), pp.131-155.

AHERN, Jack - Greenways in the USA: theory, trends and prospects. In JONGMAN, Rob & PUNGETTI, Gloria - **Ecological Networks and Greenways: Concept, design, implementation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, pp.34-55.

BENEDICT, Mark & McMAHON, Edward - **Green Infrastructure: Linking Landscapes and Communities**. Virginia: Island Press, 2006.

CABRAL, Francisco Caldeira - **O Continuum Naturale e a conservação da natureza**. Lisboa: Serviços de Estudos do Ambiente, 1980, pp.35-54.

CACHADA, Maria – Corredores Verdes como Estratégia de Integração e Salvaguarda do Património Histórico e cultural. Dissertação de Mestrado, 2019, pp.7-8.

CANNON, Walter - Organization for Physiological Homeostasis. **Physiological Reviews**, vol.9, nº3 (1929), pp.399-431.

EUROPEAN COMMISSION - **Towards an EU Research and Innovation policy agenda for Nature-Based Solutions & Re-Naturing Cities. Final Report of the Horizon 2020 Expert Group on 'Nature-Based Solutions and Re-Naturing Cities'**. Brussels: European Commission, 2020.

FABOS, Julius & RYAN, Robert – An introduction to greenway planning around the world. **Landscape and urban Planning**, Vol. 76, nº1-4 (2006) pp.1-6.

FABOS, Julius & AHERN, Jack - **Greenways: The Beginning of an International Movement**. Elsevier, 1996.

FLINK, Charles & SEARNS, Robert – **Greenways: a guide to planning, design and development**. Washington: Island Press, 1993. Disponível em <https://archive.org/details/greenwaysguideto0000flin/page/n1/mode/1up>

HAECKEL, Ernst - *Generelle Morphologie der Organismen*. Berlin: G. Reimer, 1866.
HELLMUND, Paul & SMITH, Daniel – **Ecology of Greenways**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1993.

HELLMUND, Paul & SMITH, Daniel – **Designing greenways**. Washington: Island PRESS, 2006.

HOWARD, Ebenezer - **Garden Cities of To-Morrow**. Swan Sonnenschein & Co, 1898.

HUMBOLDT, Alexander von - **Kosmos: Entwurf einer physischen Weltbeschreibung**. Stuttgart und Tübingen: J. G. Cotta'scher Verlag, 1845.

LEWIS JR., Philip - **Wisconsin Heritage Landscape Project**. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1964.

LITTLE, Charles - **Greenways for America**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990.

LOVELOCK, James & MARGULIS, Lynn - *Gaia as Seen Through the Atmosphere*. **Atmospheric Environment Pergamon Press**. Vol. 6, (1972), pp.579-580.

LOURENÇO, Ana - **A paisagem da cidade. convergência entre ecologia e morfologia urbana. O caso de Lisboa**. Tese de doutoramento, 2019.

MAGALHÃES, Manuela Raposo et al. - **Estrutura ecológica da paisagem: conceitos e delimitação: escalas regional e municipal**. Lisboa: ISA Press, 2007.

MCHARG, Ian - **Design with Nature**. EUA: Natural History Press, 1969.

SEARNS, Robert - The evolution of greenways as an adaptive urban landscape form. **Landscape and Urban Planning**, Vol. 33, nº1-3 (1995) pp.65-80.

SPIRN, Anne Whiston - *Constructing Nature: The Legacy of Frederick Law Olmsted*. In: TELLES, Gonçalo Ribeiro – *Lisboa assassinada. O verde natural e o verde municipal*. **Távola Redonda**, nº20 (1962) pp.1-3.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – *Lisboa assassinada. Em luta por uma cidade mais bela e humana*. **Távola Redonda**, nº23 (1963) p.3 e p.13.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – *A cidade e a natureza viva*. **O Tempo e O Modo**, nº34/35 (1966) pp.32-46.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – Expansão Urbana. **Arquitectura**, nº121-122 (1971), pp.97-98.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – Da formação do solo à socialização da paisagem. In FERNANDES, J. Almeida et all - **Uns Comem Os Figos**. Coleção ecologia e sociedade. Lisboa: Seara Nova, 1975.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – Lisboa Assassinada. A estrutura verde. **A Capital**, (1979) p.1 e p.3.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – O prolongamento “verde” da avenida da Liberdade. **A Capital**, (1981) p.5.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – O empório do betão. **A Capital**, (1984) p.5.

TELLES, Gonçalo Ribeiro (coord.) - **Plano Verde de Lisboa**. Lisboa: Colibri, 1997.

WHYTE, William - **The Last Landscape**. EUA: Doubleday, 1968.